

O PENSAMENTO DA COMUNICAÇÃO E A *IMAGEM* CONCEITUAL DA HETERONÍMIA NOS ESTUDOS DA EXPERIÊNCIA SUBJETIVA

Rodrigo Fonseca e Rodrigues*

RESUMO

O intento com este artigo é sugerir uma experimentação especulativa concernente à **imagem** conceitual da "experiência" e às idéias ligadas à subjetivação, acolhidas pelas correntes contemporâneas do pensamento da comunicação. O ponto inicial se dará por meio de um questionamento da gênese imagética do pensamento que se instaura, logo à partida, sempre que nos dedicamos a questionar temas dessa natureza. Advirá desse investimento um exercício criativo de despersonalização inspirado pela heteronímia, pessoal, bem como o de invenção de "personagens conceituais" por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Ambas as propostas nos dão premissas de que a subjetividade poderá ser reimaginada por uma prática de pensamento paradoxalmente iconoclasta. Será preciso, para tanto, a despersonalização conceitual da **imagem** identitária do eu, problematizando, posteriormente, tanto a pedagogia acadêmica da comunicação quanto as **performances** do pesquisador diante das dificuldades do pensar. Pergunta-se: a subjetividade poderia, a título de experimentação imaginativa, ultrapassar a si rumo a uma liberdade da vontade afirmativa, tal como uma micropolítica não discursiva, mas antes paradigmática? E o personagem heterônimo no pensamento teria a chance de tornar-se um co-participante dos fluxos de devires e de ritmos vitais "heterócronos" – as virtualidades e a suas atualizações – insuficientemente atendidos pela idéia fenomenológica da experiência subjetiva?

Palavras-chave: pensamento; **imagem**; experiência; subjetivação; heteronímia; virtual.

ABSTRACT

This article proposes a speculative experiment regarding the conceptual **image** of "experience" and the ideas linked to subjectivation, welcomed by contemporary schools of communication thought. The starting point will be a questioning of the image-filled genesis of thought that begins, right at the start, whenever we question themes of this nature. From this investment a creative exercise of depersonalization will arise, inspired by the personal heteronymy, as well as the invention of "conceptual characters" by Gilles Deleuze and Félix Guattari. Both proposals give us premises that subjectivity can be re-imagined by a practice of paradoxically iconoclastic thought. For this, the conceptual depersonalization of the identity **image** of the self would be necessary, later problematizing both academic pedagogy of communication and the **performances** of the researcher before the difficulties of thinking. The question arises: could subjectivity, as an imaginative experiment, exceed itself on its way to a freedom of the affirmative will, such as a non-discursive micro-policy, but before that, as a paradigm? And would the heteronymous character in thought have the chance to become a co-participant of the flows of transformations and "heterochronous" vital rhythms – virtualities and their updates – insufficiently met by the phenomenological idea of subjective experience?

Key-words: thought; **image**; experience; subjectivation; heteronymy; virtual.

* Doutor em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Mestre em Comunicação Social, pela FAFICH/UFMG. Licenciado em História, pela FAFICH/UFMG. Leciona Teoria e Métodos de Pesquisa em Comunicação e História da Arte na Universidade Fumec. Autor do livro *Música eletrônica: a textura da máquina*, pela Annablume (2005). Email: rfonseca@fumec.br

Os estudos em comunicação sabidamente se construíram, em seu recente processo histórico, por meio de conteúdos e de métodos emprestados de ciências humanísticas. Tais eixos epistemológicos se fiam basicamente em sistemas discursivos ou em regimes de significação, privilegiando as manifestações objetivadas – atualizadas – pela representação da experiência por um suposto “sujeito da comunicação”. Por conseguinte, como uma prática institucional, a lógica profissional da comunicação opera por meio de racionalidades produtoras de significações dominantes, pautadas atualmente no horizonte da informação e do seu controle. Esse modo de conhecimento majoritário tende quase sempre a reafirmar clichês, de tal forma que ritmos não enunciáveis, virtualidades incorpóreas ou singularidades não representáveis escapam aos enfoques epistemológicos de pesquisas em comunicação.

Se partirmos do princípio de que pensar para além dos modos recognitivos – ou seja, pensar criativamente, imaginativamente – é desfazer relações estabelecidas e experimentar outros pontos de indagação, seria necessário “des-imaginar”, nos estudos da comunicação, concepções como relação, fenômeno, recepção, semiose, interação, temporalidade, etc., questionando a própria *imagem* conceitual do pensamento que a eles se dedica. Significa dizer que, para além de investir na discussão sobre *corpus* teóricos e pressupostos metodológicos, é necessário agenciar conceitualmente outras forças e outras durações, ritmos nem sempre comunicáveis ou que escapam à comunicação, mas pelos quais se implicam a experiência, a subjetivação e, certamente, o pensamento comunicacional.

As experimentações no pensar praticadas por autores como F. Nietzsche, G. Tarde, H. Bergson, G. Deleuze, M. Foucault e F. Guattari chegam a se afinar quando todos eles propõem a idéia de que, antes de tentar representar relações ou fenômenos, é preciso problematizar a *imagem* mesma da representação. Para explorar as possibilidades de o pensamento conceber diferentemente a *imagem* do sujeito e de processos de subjetivação que se envolvem com a *práxis* da comunicação, será preciso, antes, trabalhar o escopo conceitual que erige a própria gênese *imagética* do pensar. O pensamento tradicional, tal como sabemos, pressupõe como condição primeira a *imagem* de um sujeito perspectivado, imobilizado, cioso de um princípio lógico de binarizações articuláveis, de subdivisões prováveis e de compartimentações categorizadas de objetos, estes igualmente dotados de uma identidade apriorística, por meio da premissa da não-contradição (nada pode ser e não ser ao mesmo tempo).

O cerne de nossos questionamentos subseqüentes aponta, portanto, para modelos de pensamento correntes nas pesquisas em comunicação que se pautam numa *imagem* dialógica, essencialista ou abstrata do pensar. Em suma: enquanto o pensamento transcendente (que individualiza coisas, estados, etc.) escreve sobre relações entre coisas, objetos, signos ou fenômenos, um pensamento diferente, em favor da imanência (que individua ritmos, velocidades, forças incorpóreas) pretende conceber *imagens* que nos remetam aos movimentos incommunicáveis que nos compõem, aos fluxos intensivos que nos afetam ou às infinitas cópulas de cópulas – os devires – que produzem sensações e planos de realidades, por assim dizer, para alguém da experiência ou de um estado “vivido”.

Qualquer retomada dos princípios conceituais que erigem a *imagem* do pensamento que se dedica a estudar o processo de subjetivação ligado às práticas midiáticas deverá considerar a implicação inseparável entre a experiência da semiótica e os afetos não lingüísticos, entre regimes discursivos e sensações inomináveis, entre as performances mnemônicas e seus desarmes, modulando-se tanto em planos de sentido quanto em ritmos afetivos que se perplicam na coexistência coletiva.

Essa questão parte, inelutavelmente, de uma problematização do tempo. As temporalidades – sociais, semióticas, sensitivas – se tecem e se fixam como memória, por meio de durações pré-subjetivas que se realizam por devires não mnemônicos, contraindo-se e que se acoplam, ultrapassando os dinamismos “dramáticos”, atualizados, da comunicação.

Esses tempos, que são potências imateriais, precedem incomensuravelmente a tardia figuração espacializada de, por exemplo, uma suposta relação intersubjetiva. É forçoso, portanto, contar com uma heterogeneidade de tempos, com processos impalpáveis da duração e que, com certa arbitrariedade, nomeia-se como “experiência”. Essa deveria, antes, dizer respeito não somente aos tempos extensivos (os virtuais são puramente intensivos) das representações, dos enunciados e dos simulacros, dos repertórios do imaginário e dos condicionamentos da memória, mas também aos fluxos incorporais de afetos e às durações a-subjetivas que se sintetizam como realidade da percepção e da cognição.

II

Em seus textos especulativos sobre a criação poética, Fernando Pessoa (1998) diz que o mundo empírico que nos é dado pela percepção e pela consciência subjetiva se produz por determinações imperceptíveis. Para mergulhar nessa realidade inapercebida, Pessoa propõe um esforço de uma experimentação imaginativa que tente a todo cus-

to dissolver a *imagem* do eu, que o esvazie da sua falsa unidade identitária. Seria, nesse afã, preciso se “re-imaginar” como um “personagem meta-consciente”, recriando-se não inteiramente por meio de percepções recognitivas, mas de sensações inventadas por um pensamento ao mesmo tempo iconoclasta e, paradoxalmente, imaginador. O heterônimo se põe a modular uma face sedentária, voltada para o tempo mensurado, e outra face, nômade, que seria a sua face inapreensível e virtualmente inovadora. Num gesto especular de heteronímia, se acoplariam, num “eu-outrem”, vetores humanos e vetores trans-humanos, estes últimos capazes de devires inesperados.

Os heterônimos de Pessoa foram inspirar, por um viés oblíquo, Gilles Deleuze e Félix Guattari, que criaram um “personagem conceitual”, como um heterônimo no pensamento, a virtualidade de outro pensador no pensador. Criar um personagem para pensar, portanto, é algo como adotar as diversas posturas que o pensador assume e que se tornam, por intermédio dele, puras determinações impessoais. O sujeito deverá se dessubjetivar, dessa maneira, num processo de individuação pré-subjetiva, imaginada, experimentalmente, pelo pensador. Por meio dessa composição imaginativa de ritmos e de sensações, um eu-outrem paradoxal irá se realizar para pensar. Em síntese: não serei um eu que pensa, mas, sim, tal ou tal personagem que “se pensará” em mim.

Deleuze e Guattari (1997) estão em acordo com Michel Foucault (1985) ao dizerem que não estamos mais nos tomando como sujeitos, mas como uma série de acontecimentos pré-individuais. Os nomes próprios, porquanto, antes de designarem pessoas, designam uma perseverança rítmica individuada por devires impessoais. Essa idéia é aqui reendereçada aos questionamentos que acolhem uma possibilidade da experimentação da heteronímia e do personagem conceitual como um recurso para se re-imaginar a experiência e a subjetivação no pensamento da comunicação.

Uma vez que a máquina midiática e todos os seus avatares profissionais lidam com o pressuposto da identidade subjetiva, a concepção da necessária “des-subjetivação” da experiência pode alcançar aqui, mais do que um princípio epistemológico, talvez até mesmo a dimensão de uma micro-política, de um *ethos* que, embora tácito na realidade comunicável, habite a vontade afirmativa de uma existência reinventada. Cabe, para tanto, “re-imaginar” o pensamento da comunicação como um pensamento de transdução (que modula a natureza de uma força e lhe dá outros ritmos) entre imagens (formadas ou “a-formadas”), memórias, percepções, regimes de sentido, figurações, mas também entre virtualidades “a-sígnicas”, fluxos incorpóreos puramente rítmicos. Seria preciso,

por fim, repensar o pensamento da comunicação para além dos processos comunicacionais ou semióticos, humanísticos ou cognitivos, porque são, de outro modo, os encontros com o paradoxo do heteronímico, com devires incomunicáveis, não-representacionais, que nos movem e nos “forçam” a pensar e a agir diferentemente.

A questão que habita este ponto de nossa trilha de indagações é a de um potencial paradigmático da heteronímia que ultrapassa a lógica da comunicação, seja no plano do imaginário social e das significações partilhadas, seja no plano das produções discursivas midiáticas e, mais recentemente, das simulações virtuais. O que vem a ser, no entanto, o exercício de heteronímia e o conceito de personagem para uma pedagogia de pesquisa em comunicação? E como o pensamento poderia motivar, nos hábitos comunicacionais, uma política experimental que levaria a subjetividade a se renovar, se singularizar e se reinventar? Se existe tal possibilidade, como se dessubjetivar sem simplesmente anular a memória subjetiva, as forças identitárias sociais?

Existimos, portanto, não como um eu unívoco, mas como forças, afetos, ritmos, momentos, lugares, atmosferas: uma população de microeventos, uma multiplicidade de singularidades pré-individuais, que cada um de nós souber se tornar. Tal como Foucault e Deleuze nos admoestam, é preciso investir em uma ética de libertação pessoal, quer dizer, de libertação da personalidade, uma atividade de resistência, uma experimentação exercida sobre nós. É tal política que, não discursiva, mas paradigmática, investe na invenção de novas formas de vida, criando outras estratégias de subjetivação - ou de “des-subjetivação” - para que se possa escapar ao aprisionamento em que o presente nos confina. O indivíduo precisa se abrir às multiplicidades que o atravessam, num severo exercício de despersonalização: é assim que ele vai adquirir o seu verdadeiro nome próprio.

A nossa problematização talvez aponte para esse exercício de invenção de um personagem conceitual imaginado como um heterônimo, como um eu-outrem que se despoje dos limites da subjetividade e “re-instaure” a pragmática de uma existência virtualmente experimental e inventiva, que acolha o paradoxo e a multiplicidade. É preciso investir nas virtualidades pré-subjetivas, ilocutórias e incorpóreas, tendo em vista a prática uma micropolítica soliloqua, mas não menos afirmativa e libertária do desejo, revirginado, malgrado os cadenciamentos cada vez mais sutis de modos estereotipados de subjetivação. Esse exercício se pautaria na despersonalização da *imagem* identitária egocêntrica do eu e da suposta experiência subjetiva, individualizada pela abstração transcendente que vigora nos modos tradicionais do

pensamento. Seriam ínfimas ações imanentes à prática comunicativa pelas quais o desejo de intensificar as potências existenciais poderia contagiar em outrem uma vontade de resistir ao assédio dos processos hegemônicos de subjetivação que nos levariam a re-imaginar potencialidades *insistentes* para além da subjetividade e talvez ultrapassar criativamente as cadências axiomáticas da comunicação.

III

A onipresença da comunicação mediatizada no cotidiano precisa, por razões conhecidas, dizer respeito tanto aos enunciados quanto à máquina que os produz, engolfados que estamos pela crescente e acelerada proliferação de tecnologias informáticas e de simulação. A grande máquina da comunicação, composta de máquinas impalpáveis (técnicas, discursivas, profissionais, imagéticas, afetivas, coletivas, de subjetivação, de consumo) é prevalentemente povoada por uma larga diversidade de modos de pensamento e desenrola-se nas formações pedagógicas. Um exemplo disso nota-se nos profissionais da comunicação que, supressos pelos constrangimentos da lógica de produção midiática, encontram-se muitas vezes indiferentes a implicações coletivas que em muito se imbricam graças à *performance* delas.

Por outro lado, uma parte considerável da formação do pesquisador em comunicação, quando não se subjaz às orientações de pensamento de viés mercadológico, voltado para uma “economia do desejo” ligada ao consumo, se alicerça no quadro de fundo dos princípios axiomáticos das ciências de apoio – humanas, em geral – às teorias da comunicação. Por conseqüência, ao discurso midiático se esquivam acontecimentos não fenomênicos, puramente afetivos: devires intensivos, eventos e políticas incomunicáveis, forças que permeiam silenciosas, mas decisivas, por entre as fimbrias temporais dos agenciamentos coletivos de enunciação.

Não é também novidade o fato de que, na atualidade povoada por micromáquinas e sob o imperativo das conexões informáticas, estejamos a correr potenciais riscos de nos expormos a mecanismos insuspeitados de sujeição, ou seja, de processos estereotipados de subjetivação. O imaginário socializado, até hoje tecido pelas cadências da palavra e pelas formas de uso da linguagem, agora periga estar ainda mais sutilmente escandido por modos controle gerencial, sob a égide da simulação digital, sobre muitas *performances* de memórias e no que tange às nossas afecções – as nossas imagens “internas”, que têm forma – gera sentido e fixa valores. Tais maquinismos são vela-

dos, porque eles podem fazer fluir, segundo os interesses em jogo, ritmos sequer enunciáveis, ultravelozes.

Por meio dessa simulação algorítmica, que tem muita força para enxertar tempos imperceptíveis nos processos coadjuvantes, é que se fixam, pré-lingüisticamente, *imagens* estandardizadas de uma suposta subjetividade. E o pensamento que rege os modos teóricos dos estudos comunicacionais contemporâneos não capta, por exemplo, as orquestrações midiáticas de repertórios de imagens, de cadências mnemônicas, de nossos ritmos sensoriomotores e de introyções de sentido e de valor perpetradas pela realidade digitalmente virtualizada, que chegam a ultrapassar os tradicionais recursos persuasivos da linguagem no controle coletivo do imaginário, do desejo e da criatividade. Isso significa que, por meio de velocidades simulacrais, pode-se interferir em filigranas da percepção e, no limite, na fixação estereotipada da imagem que construímos de uma suposta experiência subjetiva.

Infere-se daí que nossos hábitos coletivos, já escandidos pelas estratégias majoritárias de enunciação e agora submetida à intrusão da simulação digitalizada, sofrem escansões imperceptíveis rumo a um modo muito sutilizado de consumo de identidades subjetivas deliberadamente descartáveis.

Essa é a motivação inicial que nos leva a acreditar em um “re-agenciamento” de pontos de partida conceituais na composição de planos teóricos e metodológicos de pesquisa e ensino em comunicação que estejam ligados a forças a-subjetivas” intrincadas aos processos de subjetivação. Amparam-nos as assertivas de Michel Foucault, quando ele problematiza os fluxos axiomáticos de subjetivação e a sua proposta do exercício de uma ética existencial de resistência e de experimentação criativa. Aproximamo-nos, nesse ponto, das idéias de Pessoa sobre a imaginação poética, pelas quais o poeta define todo o princípio do seu processo de heteronímia, demonstrando as virtualidades transhumanas que atravessam os regimes coletivos que fixam a individualidade imutável da personalidade.

Sugerimos uma revisitação conceitual pela qual se leve em conta, nos estudos sobre as transações simbólicas, uma insistência de forças apenas intensivas que, antes de serem existentes num tempo extensivo, são simplesmente intensivas, afetivas, contagiosas. Nas trivialidades dos hábitos de comunicação, a exemplo da frequência a internet, certos gestos indizíveis acabam por se firmar como disparadores de devires, de ritmos que nos contagiam para alguém dos tempos abstratos da linguagem e dos tempos perceptuais da experiência.

Qualquer relação intersubjetiva em rede poderia, desse modo, passar por encontros incomunicáveis, por ações que entram em “ressonância” com algo que se está fazendo. Esse “contágio”, no dizer de G. Deleuze, refere-se a um tipo indeterminado de contato imanente, não propriamente mediado por representações, no qual se podem criar conexões imperceptíveis com pessoas imperceptíveis não só por meio da linguagem, mas também atravessadas por afetos não lingüísticos. São esses modos de contágio que ultrapassam os tempos dramatizados que pontuam as relações entre sujeitos. Acontece de nos encontrarmos com alguém que, pelo exemplo de sua própria atividade, pode estimular o que há de potente em nós, que nos atrai e nos agita, nos afeta e nos impele a outras ações. Por sua vez, nossas ações também estarão imprevisivelmente abertas e, mesmo não comunicáveis, serão potencialmente contagiantes.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Abril, 1984. (Os Pensadores).
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. *Mil platôs*. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 2, 3, 4 e 5.
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DIAS, Souza. *Lógica do acontecimento: Deleuze e a filosofia*. Porto: Afrontamentos, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GIL, José. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1997.
- GUATTARI, Félix. Da produção da subjetividade. In: _____. *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- HUME, David. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000. Livro I, Parte IV, Seção VI.
- LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Re-lume Dumará, 2003.
- TARDE Gabriel. *Monadologia e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

